



## **O estímulo à leitura e a ressignificação do ato de narrar histórias na Casa Anísio Teixeira**

### ***The Stimulus to Reading and Reaffirming the Act of Telling Stories in the Casa Anísio Teixeira***

Denise Marques Carneiro Neves

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia / Brasil

denisemcneves2014@gmail.com

**Resumo:** Este artigo objetiva descrever como a Casa Anísio Teixeira, instituição localizada em Caetitê-Bahia, busca ressignificar os atos de narrar e ouvir histórias. Por meio do Núcleo de Artes Cênicas e do Núcleo de Contação de Histórias, a Casa desenvolve ações de estímulo à leitura, demonstrando a importância da produção, circulação e recepção de saberes culturais. Como metodologia, adotou-se a análise documental, que permite a percepção do alcance social, a descrição de estratégias de adaptação das ações realizadas pelos contadores de histórias, em meio a dificuldades de manutenção de centros culturais. Reconstitui-se, então, o histórico de formação desses Núcleos e apresentam-se suas principais ações, o que implica refletir sobre a importância da experiência para tornar a contação de histórias mais presente nas relações humanas. O artigo aponta a imediatividade e a efemeridade das vivências como possíveis causas para o declínio do ato de narrar, ao tempo em que se considera a tradição oral como principal fator para retomada e ressignificação do uso de narrativas. Conclui-se que as técnicas teatrais funcionam como boa estratégia para desenvolver a contação de histórias na atualidade em instituições diversas, contribuindo para ampliar a percepção do alcance e importância de práticas culturais de leitura.

**Palavras-chave:** contação de histórias; leitura; centro cultural; Casa Anísio Teixeira.

**Abstract:** This article aims to describe how Casa Anísio Teixeira, an institution located in Caetitê-Bahia, seeks to re-signify the acts of narrating and hearing stories. Through the Center for Performing Arts and the Nucleus of Storytelling, the House develops actions to stimulate reading, demonstrating the importance of the production, circulation and reception of cultural knowledge. As a methodology, documentary analysis was

adopted, which allows the perception of social outreach, the description of strategies to adapt the actions carried out by storytellers, in the midst of difficulties in maintaining cultural centers. We reconstruct the history of formation of these nuclei and present their main actions, which implies reflecting on the importance of the experience to make the storytelling more present in human relations. The article points out the immediacy and the ephemerality of the experiences as possible causes for the decline of the act of narrating, at the time when oral tradition is considered as the main factor for resumption and re - signification of the use of narratives. It is concluded that the theater techniques work as a good strategy to develop storytelling at present in diverse institutions, contributing to broaden the perception of the reach and importance of cultural reading practices.

**Keywords:** storytelling; reading; cultural center; Casa Anísio Teixeira.

## 1 Introdução

Um das funções do ato de ler é possibilitar a comunicação de histórias e de informações, e todos gostam de fazer isso; melhor ainda, todos podem fazer isso. A troca que se estabelece alimenta a atitude mais humana das relações: interação social. Há quem argumente que a leitura ensina, educa, amplia a capacidade de reflexão, torna mais culto o indivíduo; para muitos, a leitura subentende também preservação de saberes e culturas.

Na Casa Anísio Teixeira,<sup>1</sup> instituição localizada no município de Caetité, na Bahia, mantida pela Fundação Anísio Teixeira, a leitura é muitas vezes relacionada com a tradição oral. A intenção é fazer circular, de boca em boca, como acontece desde a antiguidade, as histórias que tocam e encantam, de diferentes maneiras, as pessoas. Nesse sentido, a contação de histórias torna-se a ação que abre espaços, multiplica os saberes,

---

<sup>1</sup> Sobrado colonial construído no início do século XIX, hoje um centro cultural, a Casa Anísio Teixeira localiza-se na Praça da Catedral da cidade de Caetité-BA. Casa natal de Anísio Teixeira, pertenceu ao Dr. Deocleciano Pires Teixeira, seu pai, e hoje está vinculada à Fundação Anísio Teixeira. Foi recuperada e restaurada pelo Governo da Bahia, em projeto executado pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC, e inaugurada em fevereiro de 1998. No seu conjunto arquitetônico, passaram a funcionar um Centro de Memória, uma Biblioteca Pública, um Cineteatro, uma Sala de Cultura Digital, um Conservatório de Música, além de outros espaços que desenvolvem atividades culturais de leitura.

desenvolvendo a interação humana. A ideia principal das relações com o ato de ler é a formação de rede de saberes e culturas, que tem limites, mas também possibilita a continuidade de ações, tudo associado a outra ideia, a de processo. Compreende-se, então, a importância de não se restringir a leitura a um fim ou a um início; sendo processo, não há razões para se deter ao início e ao fim, mas observar o encadeamento de ações e experiências, a influência de fatos específicos, possibilitando, assim, a pluralidade de escolhas e gostos do leitor, além das motivações que o cativam.

Assim, o centro cultural atua no sentido de oferecer gratuitamente à população de parte do sertão da Bahia o acesso a práticas culturais de leitura, partindo do respeito e acolhimento de tradições e inovações que possibilitem a inserção de mais pessoas no mundo da leitura. Suas ações baseiam-se na convicção de que a leitura pode ser estimulada e desenvolvida em qualquer tempo e espaço, a partir de diferentes estratégias. Nesse sentido, a Casa mantém em suas instalações a Biblioteca Pública Anísio Teixeira e o atendimento a comunidades rurais por meio da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, além de realizar diversas atividades, por meio do Núcleo de Contação de Histórias e do Núcleo de Artes Cênicas, buscando sensibilizar o público para a ampliação do repertório cultural e estimular o ato de ler.

A contação de histórias exige elaboração; é simples, mas não simplória. É generosa, fecunda. O narrador escolhe a história, envolve-se com ela, mas não a detém, prefere compartilhar. Processa tudo que mais o encanta, seleciona, a seu modo, os tons, as ênfases, o colorido, as pausas, enfim; prepara-se e comunica a história, mas não todos os sentidos que a mesma possa oferecer. O ouvinte também se envolve com a história; recebendo-a, processa-a e produz saberes, articula outras interações.

Ler para narrar, para contar histórias constitui-se, assim, um bom pretexto. Leitura, uma ação que poderia ser tomada como enfadonha, inútil, veste-se de magia, possibilitando a troca de sentimentos. Pode-se admitir, então, que ler e compartilhar o que se leu pressupõem comunicação e troca de sentimentos bons e ruins, como é natural de um ser humano. O que atrai o interesse de um leitor nem sempre são os sentimentos positivos; leitores apreciam raiva, frustração, solidão, amor, altruísmo, inveja, todos os sentimentos que uma boa trama pode demonstrar.

Em muitos casos, existe o percurso teatro – contação de histórias, no entanto há diferenças substanciais entre as duas atividades. A plateia às escuras, muitas vezes perceptível somente pelos aplausos ou risadas,

por estar na penumbra, não incomoda o ator. Trabalhando com teatro, ele representa um texto, busca ser o personagem, independente do tipo de público e de como o mesmo se comporta. O contador de histórias, por sua vez, prefere buscar o olhar do ouvinte, o que exige uma plateia um pouco iluminada. Quem conta histórias pode fazer uso de técnicas da arte dramática, de figurino, cenário que lhe convierem, sem recorrer a efeitos especiais. Sua voz dá o tom da trama, por isso a entonação, a pausa, a seleção do que contar definem a boa ou inadequada contação de histórias.

## **2 Ressignificação do ato de narrar histórias**

O ato de narrar histórias, segundo Walter Benjamin (2012), em *O Narrador*, encontra-se em desuso. O autor argumenta que o narrador é uma espécie de conselheiro do ouvinte, expressão que traz um costume que nos dias atuais assume um caráter antiquado, pouco aceito, portanto pouco valorizado. Em certos diálogos, é até comum ouvir: “se conselho fosse bom, não seria dado, mas comprado”. Essa fala reflete e repete a ideia de que tudo considerado bom custa dinheiro e só pode ser acessado por quem pode e está disposto a pagar. Pode-se afirmar, pois, que isso é resultado da sociedade capitalista burguesa a qual nos tem imposto a ordem do consumo, do efêmero, do imediato, muitas vezes associado ao prazer individual que se deseja desfrutar.

Benjamin, na primeira metade do século XX, já alertava para o declínio da narrativa em virtude da força que a informação passou a ter. Como esta baseia-se na novidade incessante, porque sua força reside no imediato, e geralmente vem acompanhada de espetacularização, precisa ser verificada, explicada, pelo menos no momento em que chega ao ouvinte/leitor. Com os adventos tecnológicos, as redes sociais, a notícia *online*, o caráter descartável da informação evidencia-se com maior força. Quem a consome, quem a acessa necessariamente não amplia o conhecimento. Não pressupõe sabedoria. Prevalece a lógica do maior número de informação, e assim se torna pretexto para o sujeito mudar de assunto durante uma conversação. A qualquer momento tudo pode mudar no mundo da informação e talvez essa seja a principal razão para inibir sua repetição por mais tempo; fica comprometida também a busca por maior embasamento da informação. As relações parecem obedecer à superficialidade das coisas e aos imperativos do consumo. Como Benjamin (2012, p. 219) registrou, a informação “é incompatível

com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação tem uma participação decisiva nesse declínio.”

O narrador alimenta-se de sua própria experiência e da dos outros, apoia-se na tradição oral, logo a narrativa é constituída de aspecto durativo e de força. Ao contar histórias repetidas vezes, o narrador encanta, transmite conhecimento, pois ao fazê-lo esquece-se de si mesmo e concentra suas ações no ato de contar uma história. É algo mágico associado mais à memória do que ao jogo psicológico e por isso permite recontar a história, possibilitando troca de experiências: “mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia” (BENJAMIN, 2012, p. 220).

Em que sentido o ato de aconselhar reforça e constitui o ato de narrar? Precisamente porque aconselhar pressupõe sabedoria, conforme Benjamin. De fato, situar-se na narração, apropriar-se dos seus sentidos e possibilidades de ensinamento e de percepção do real vivido requer envolvimento, segurança, conhecimento, logo, sabedoria. Esta confere ao ato de narrar o sentimento de quem sabe o que está fazendo ao falar, ao narrar e com que objetivos. Normalmente o narrador sábio conhece bem o tema, os acontecimentos que ilustram e dão sentido às histórias, por isso consegue, com propriedade, encantar o ouvinte, o qual concentra sua atenção e interesses no que está sendo narrado. O ato de narrar, por conseguinte, está associado a conhecimento e verdade, sensibilidade e entendimento, por isso Benjamin constitui a referência que aqui se defende para compreender a importância da contação de histórias, pois ele afirma:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (2012, p. 205)

Pressupondo o prazer despertado pelo ato de narrar e de ouvir histórias, em todos os tempos, em qualquer lugar, e observando que indivíduos têm dificuldades e restrições para relatar suas experiências,

é possível afirmar que o ato de narrar passa por um processo de ressignificação. A narração oral, porque é tradição, busca uma saída. Enquanto o romance mergulhou o escritor e o leitor em atividades mais solitárias, e a notícia coloca o sujeito na condição de quem apenas recebe o conjunto de informações, a narrativa parece reunir tudo isso, pois se constitui de troca de experiências e ensinamentos. O ponto de vista do narrador não reside apenas no que viveu, mas também nas experiências de outros.

Benjamin (2011, p. 53) afirma que “A linguagem comunica a essência linguística das coisas.” E essa essência é comunicada por meio de palavras, o que torna imprescindível o ato de nomear as coisas. No nome, e não através do nome, o indivíduo comunica a essência das coisas.

Kátia Muricy (2009) explica, ao estudar sobre Walter Benjamin, mais precisamente sobre a magia da linguagem, que esta se constitui de certa imediaticidade na comunicação da essência espiritual.

É neste sentido que a linguagem é o *médium* da comunicação. Benjamin dá uma compreensão estrita do termo: *médium* não é o meio, elemento mediador, mas ao contrário é o que se manifesta de forma imediata. O que se manifesta de forma imediata na linguagem é a essência linguística de uma essência espiritual. (MURICY, 2009, p. 105-106)

Para Benjamin, a linguagem ressignifica o sujeito e a história, estabelece a verdade. De fato, se na linguagem é possível reescrever a vida e a história, inclusive o que esta esqueceu e a modernidade ignorou, então o conhecimento é modificável, está em permanente construção. Como Benjamin bem o considerava, a realidade é descontínua, não é linear.

Em se tratando da Casa Anísio Teixeira, observa-se que as práticas culturais lá desenvolvidas sinalizam para essa não linearidade da realidade, visto que buscam promover, na linguagem, atividades educacionais e culturais, contribuindo com a integração regional. Algumas de suas demandas são associadas a projetos de prefeituras e escolas, principalmente por meio das secretarias municipais de educação, saúde e assistência social. Outras ações foram demandadas por empresas parceiras e instituições de ensino. A cada temporada, experiências anteriores são avaliadas e adaptadas ao público a que se destinam; em algumas ocasiões, a Casa precisa atender e acolher públicos específicos, como idosos, crianças, adolescentes, moradores de zona rural. Os sujeitos colaboradores que já participaram

de ações semelhantes ou que manifestam interesse em aprimorar suas habilidades são envolvidos em nova ação cultural, sempre atentos ao trabalho com a linguagem, às misturas e especificidades de temas e culturas.

Na Casa Anísio Teixeira a experiência caracteriza-se pela soma de práticas culturais, não se trata de acaso nem de sequenciação. O entendimento de que contar histórias estimula a leitura individual dá o tom às ações externas, principalmente em escolas, quando o Núcleo de Contação de Histórias visita-as com essa finalidade. Contribuí, assim, para o desenvolvimento das práticas de leitura que são do interesse de cada grupo escolar. O Núcleo alega que ir às escolas urbanas e rurais torna-se mais viável economicamente para os gestores municipais, entretanto os professores, sempre que podem, conduzem grupos de alunos até a Casa Anísio Teixeira, porque, além da contação de histórias, eles usufruem as outras práticas culturais lá desenvolvidas, como oficinas de arte e educação, visita ao Centro de Memória, apresentações musicais, filmicas, entre outras. Assim vai se confirmando a necessidade de viver em coletividade, de aprender a construir as histórias de vida e compartilhá-las, constituindo as experiências.

Na Casa, contam-se histórias em dias festivos, comemorativos ou em encontros com datas e horários agendados. As pessoas acomodam-se no quintal acolhedor da Casa Anísio Teixeira ou ainda no espaço destinado às atividades do Núcleo de Contação de Histórias. Por alguma motivação, simplesmente escutam as histórias às vezes lidas e muitas outras vezes contadas. Em algumas ocasiões, a contação de histórias ganha como aliados o conhecimento e a habilidade em artes cênicas que os contadores reúnem; estes utilizam figurinos, objetos, cenários, fantoches confeccionados muitas vezes pelos colaboradores da Casa. Não se podem esquecer os teatrinhos de fantoches e dedoches, o trabalho com voz e a interação entre contador/narrador de histórias e o público. Encantam, assim, quem frequenta regularmente a Casa, bem como quem, vez ou outra, tem a oportunidade de participar de uma oficina, uma visita.

Admitindo-se que as práticas culturais de leitura suscitam diferentes reflexões acerca da produção, recepção, mediação e socialização dos textos, percebem-se condições e contextos que definem a formação do leitor. Cada um estabelece a melhor (ou pior) relação com os textos, depende do que dialoga consigo e com os outros; depende das ressignificações que consegue atribuir ao que leu e dos resultados. Nesse sentido, convém considerar a compreensão de Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 125) acerca de modalidades de leitura:

As maneiras de ler dependem das condições da leitura, dos momentos e do tempo que lhe são concedidos, do papel simbólico que lhe é atribuído. Aparentemente, as modalidades da leitura são tanto unificadas – generalizou-se a leitura como prática individual, particular, que se efetua quase sempre no silêncio – quanto diversificadas, devido à variedade dos textos, às múltiplas situações de leitura, às experiências anteriores de leitura que cada um tem.

Como as referidas autoras defendem, há uma marca de sociabilidade na leitura, visto que pressupõe trocas. Por ter sido emprestado, dado, sugerido, comentado por outra pessoa, o livro inicia uma comunicação, uma interação com o outro e com o meio, porque “leitura é uma fonte de diálogos, de discussões; leitura e diálogo se nutrem e reforçam – a não ser que revelem e ressaltem um desacordo, uma antinomia, uma incompatibilidade – a ligação existente entre as pessoas em causa” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 126).

Para as autoras, associada a imagens, ao áudio, a prática de leitura se consolida em mais uma modalidade, a coletiva. De fato, sem substituir as práticas individuais, a televisão e a internet estimulam pessoas a socializar opiniões e informações a definirem gostos e argumentos, deixando-se conduzir e ao mesmo tempo conduzindo suas escolhas. Se há instrumentos e modalidades de leitura diversificados, sinalizam-se ganhos que contribuem para a formação de leitores, favorecem o intercâmbio cultural, o acesso ao lazer enriquecido pelas linguagens artísticas, como se tenta realizar na Casa.

Quando hoje em dia alguém manifesta interesse em contar o que viveu, comumente os ouvintes assumem a posição de quem também quer narrar, não ouvir. Parece até haver uma crise na interação humana; poucos estão prontos para ouvir. Em contrapartida, existem facilidades para emitir opiniões, pensamentos e emoções, facilidades no sentido de relatar experiências pessoais. Em nome de que a pessoa faz isso? Certamente não se interessa pela experiência comunicada. Prefere expressar para o outro aquilo que viveu em igual ou superior condição. Talvez a sociedade esteja exacerbando o sentido do protagonismo das ações individuais e supervalorizando a liberdade de expressão em detrimento da escuta daquilo que o outro quer ou precisa dizer.

Em espaços de contação de histórias da contemporaneidade, como feiras, casas de *show* noturno, teatros, escolas, bibliotecas, praças, centros culturais, o narrador muitas vezes associa o ato de narrar às artes

cênicas, o que normalmente atrai a atenção dos passantes e ouvintes. Nesse caso, já se pode falar em profissionais da arte de contar histórias. Desenvolvem o trabalho para determinado público que frequenta esses espaços, a partir de ensaios diversos e de acordos e regras socialmente estabelecidos. Trabalham bem a voz, fazem uso de recursos e estratégias do teatro e da dança, incluindo, em alguns casos, figurinos, efeitos de som e luz, cenários improvisados ou não. Em outras palavras, é como se o ato de narrar estivesse associado, nesses espaços, ao ensaio, à preparação para se contar determinada história, o que subentende o distanciamento da experiência no sentido compreendido por Benjamin (2012, p. 213):

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

O autor, que não viveu a revolução tecnológica que marca as relações humanas na atualidade, talvez assim tenha se posicionado mediante a tentativa de se preservar a prática artesanal de narrar histórias. Mesmo com características distintas dos narradores de outros tempos, ainda é possível encontrar narradores que se dedicam a essa atividade por motivos culturais, individuais ou profissionais, pois ainda se observa, nas narrativas, a oposição entre experiência (*Erfahrung*), considerada como ação infinita, compartilhada, contada a um outro, e vivência (*Erlebnis*), ação que se esgota no momento da sua realização, portanto finita, de acordo com a acepção benjaminiana (KRAMER, 2001, p. 106).

### **3 Saberes traduzidos em contação e dramatização de histórias**

Muitos sujeitos guardam reminiscências de histórias contadas por mães, pais, avôs e avós. É a memória que atesta um afetivo costume familiar de acomodar no colo a cabeça de alguém mais jovem para que ouça histórias; a memória que traz de volta as rodas de conversa e contação de histórias em volta de uma fogueira, na sala de estar ou qualquer outro lugar aprazível. Repetir histórias faz parte. O costume está relacionado ao sentir a narração, abstrair o pensamento e, talvez, apropriar-se de ensinamentos.

O ato de narrar está associado à memória coletiva. Benjamin o considera “forma artesanal da comunicação”, porque além de envolver um ritual, requer tempo de assimilação, de percepção do outro e das situações, visto que não se trata de exercício para aprimorar a performance nem expor habilidades orais do contador de histórias. Registre-se que a narrativa não se realiza com a mera verbalização de informações variadas e conectadas, muito menos em ambientes caracterizados pela pressa e pelos olhares e ouvidos dispersos, ainda que paradoxalmente fixados na iminente novidade. “Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas” (BENJAMIN, 2012, p. 220)

Na Casa Anísio Teixeira, o ato de narrar histórias constitui um dos seus objetivos. Faz parte das suas rotinas contar histórias para crianças e adolescentes por meio do Núcleo de Contação de Histórias. Realiza-se o trabalho nos espaços da Casa e em escolas do município e parte da região Sudoeste da Bahia.

O público infantil é o principal beneficiário da contação de histórias da Casa Anísio Teixeira. A prática sempre se estrutura a partir de seleção de histórias, ensaios, planejamento de atividades que tenham afinidade com a contação de histórias e elaboração de material de apoio para auxiliar os contadores, como fantoches, dedoches, figurino, cenário, escolha do melhor local da Casa, se no anfiteatro ou no quintal ou ainda da sala em que normalmente se realizam oficinas de contação de histórias. Os contadores atuais, Katy Brito, Tally Gaia e Waldisney Matinga, afirmam que hoje preferem contar histórias a partir do ponto de vista de um personagem. É comum fazerem de conta que são uma bailarina e um boneco ou Vó Dita e Chico Bento desejando contar histórias.

Geralmente, inicia-se um diálogo desses personagens com o público, canta-se alguma música e, então, conta-se uma história, depois outra, e outra, mas sempre entremeadas por diálogos com o público; por exemplo, em alguns momentos, a bailarina e o boneco “saem” da sua história e começam a contar outras histórias. O contador precisa de habilidade para tratar os comentários e perguntas que são feitas no transcorrer dos trabalhos. Nem todos intervêm de forma a contribuir para o bom desenvolvimento da contação; há os que falam algo para desviar o curso das histórias ou mesmo desestabilizar o clima de harmonia, expectativa e interesse da maioria. É certo que quem narra as histórias não espera público passivo,

mas não permite que a sessão seja desvirtuada; não ficando indiferente ou alheio às tentativas de interromper a contação de histórias, conversa, esclarece o que foi solicitado, quando julga conveniente ou observa se a intervenção do público não atrapalha a contação de histórias.

Houve tempo em que foi possível, por meio de oficinas realizadas pelo Núcleo de Arte Educação da Casa Anísio Teixeira, confeccionar dedoches, marcadores de livros e chaveiros para oferecer brindes às crianças após a sessão de contação de histórias. Esse Núcleo de Arte Educação oferece, diariamente, oficinas que propõem leitura de obras artísticas, oficinas para produção de artesanatos diversos para um público beneficiário normalmente constituído de crianças, jovens e idosos. As demandas são sinalizadas por Secretarias Municipais de Educação da região e por alguns visitantes ou ainda a Casa procura integrar as ações desse Núcleo com outros projetos da instituição.

E como reagem as crianças, segundo a percepção dos contadores de histórias? Quando atuam em creches, algumas assustam-se em certas ocasiões, choram, talvez impressionadas com os personagens e vozes diferentes; imediatamente os contadores reorganizam as atividades, adotam procedimentos que atraem os olhares e ouvidos curiosos e as risadas francas. Na maioria das vezes, porém, a contação de histórias encanta e conquista as crianças, convidando-as a ler outras ou as mesmas histórias. Além de ampliar o repertório de leitura das crianças, essas atividades culturais ajudam a desenvolver a concentração, conforme se verifica nas imagens a seguir.



Acervo: Casa Anísio Teixeira (2006)

Aos poucos, os contadores perceberam que deveriam recorrer a técnicas de artes cênicas, o que combinou com o desejo de desenvolver

habilidades teatrais; aos poucos, jovens que acalentavam sonhos de adentrar no universo das artes cênicas e da dança foram dedicando-se a ensaios e apresentações mais elaborados, a ponto de a Casa decidir apoiar seus principais projetos. Em 2007, constituíram a Trupe Dobradores de Arte, responsável por montar espetáculos teatrais, contando com o apoio da Casa Anísio Teixeira, que disponibilizou espaço físico, equipamentos e recursos materiais para o desenvolvimento das ações. Decisivas foram a iniciativa e a participação de Nando Dias, Katy Brito, Tally Gaia, que, na condição de funcionários da instituição, contavam histórias no quintal da Casa e em escolas e passaram a integrar grupos de teatro constituídos na cidade. A Casa realizou oficinas e capacitações em artes cênicas, contemplando dramatização, iluminação, interpretação e música e, então, constituiu o Núcleo de Arte Cênicas. A comunidade de Caetité e região beneficiou-se com essas atividades de formação a tal ponto, que hoje os participantes transformaram-se em multiplicadores de formação inicial em teatro. Outro bom resultado para a comunidade é a preparação de agentes culturais: pessoas, na maioria jovens estudantes, interessadas em trabalhar com arte e cultura, convictas de que o sertão da Bahia pode desenvolver-se nessas áreas.

Nota-se o sentimento de pertencimento entre os colaboradores do Núcleo de Artes Cênicas e do Núcleo de Contação de Histórias da Casa Anísio Teixeira, os quais foram beneficiados pelas ações formadoras por ela desenvolvidas; convictos da importância da instituição para a região e para cada um, individualmente, declaram a decisão de não migrar para outras cidades, de persistir na promoção das artes cênicas na região, acreditando estar criando meios de realização pessoal e profissional. É válido considerar que, na história recente de Caetité, não há registros de realizações em artes cênicas na proporção do que aconteceu a partir do que a Casa Anísio Teixeira promove desde 2007: espetáculos teatrais bem produzidos e apreciados pelo público, o qual foi formado e conquistado, incentivando e valorizando a produção cultural no Alto Sertão da Bahia.

Assim, convém registrar a realização de festivais, intitulados FESTCASA, cujos objetivos foram: oferecer formação artístico-cultural utilizando saberes e experiências regionais na área das artes cênicas e da música; viabilizar o acesso democrático à fruição cultural, estimulando a formação de plateia por meio da realização de eventos e apresentações cênicas e musicais gratuitas. Para tanto, a Fundação Anísio Teixeira, em parceria com a Universidade do Estado da Bahia, a Fundação Cultural

do Estado da Bahia - FUNCEB, a Prefeitura Municipal de Caetité e a de Vitória da Conquista, promoveu, por meio da Casa Anísio Teixeira, minicursos, workshops, oficinas de dança, sessões de leitura dramática, espetáculos de teatro e dança. Foram mobilizações culturais que reuniram público e artistas em número considerável no Cineteatro Anísio Teixeira, em palco de praça pública da cidade de Caetité e em feira livre: 1.423 pessoas e 150 artistas de dez municípios baianos no I FestCasa em 2008; em 2012, o II FestCasa contou com um público de 12.150 pessoas e 188 artistas de seis municípios baianos. O FestCasa em Movimento ocorreu em 2013 e em 2014, com o objetivo de estimular a fruição de produções teatrais e musicais desenvolvidas na Casa; para tanto, levou apresentações teatrais e musicais, além de oficinas de teatro, a comunidades distritais dos municípios baianos de Caetité, Guanambi e Igaporã.

#### **4 Manutenção das ações promovidas pela Casa Anísio Teixeira**

A produção cultural da Casa Anísio Teixeira tem como referência a diversidade de valores culturais, o que contribui para ampliar o público a que se destina. Respeitando-se os princípios da instituição, os colaboradores têm autonomia para propor e criar atividades a serem desenvolvidas. A Casa também costuma acolher manifestações populares em seus espaços, como a Festa de Reis e as atividades do Ponto de Cultura. Sob o ponto de vista da produção e da recepção, a Casa concebe a importância de valorizar os saberes locais; Tally Gaia, por exemplo, contadora de histórias da Casa, apresenta-se como Vó Dita, personagem que ela criou inspirada na própria avó, a qual reside na zona rural de Ibiassucê, município vizinho de Caetité. Essa vovó conta histórias consagradas pela literatura nacional, mas também histórias apreciadas pela cultura local, entre outras que fazem parte das pequenas bibliotecas escolares e da Biblioteca Anísio Teixeira, que funciona na Casa.

Após a sessão de contação de histórias, é comum divulgarem os espaços e ações da Casa Anísio Teixeira e falarem sobre o educador, registrando que a instituição está pronta para acolher os interessados em música, leitura de livros e gibis, teatro, oficinas de arte e artesanato. Em algumas ocasiões, em parceria com as Secretarias Municipais, ainda é possível desenvolver oficinas nas escolas municipais.

Cada Núcleo segue metas e possui uma programação. A interação entre os Núcleos da Casa é constante, por isso a contação de histórias ora

se apoia na experiência com a oralidade, ora ela se apoia nos recursos do teatro, o que é compreendido como algo positivo, principalmente porque a sociedade espera ações que dialoguem também com o seu tempo e seu contexto.

Sempre existe plateia atenta e interessada nas ações que aqui estão intituladas de práticas culturais de leitura da Casa Anísio Teixeira, sejam ações do Núcleo de Contação de Histórias, sejam ações do Núcleo de Artes Cênicas, que hoje é composto por cinco grupos: Dobradores de Arte – A Trupe, Art’Manha, Coletivo Dupla de Dois e Cia. ContraCapa e Cia de Teatro Imagem & Ação. Os saberes são compartilhados em todas as principais etapas: produção, circulação e recepção. A vontade de continuar a realizar e divulgar os trabalhos, ainda que sem remuneração, associa-se à vontade de presenciar, de participar como público das histórias contadas, encenadas ou dramatizadas, logo se pode afirmar que esse é um jeito interessante de se estimular a leitura e valorizar a cultura. Para a circulação do conhecimento, defende-se a associação com parceiros diversos, a escuta de sugestões e demandas, a participação em eventos de outras regiões da Bahia, conquistando novos públicos ao tempo em que promovem a troca e o enriquecimento de saberes.

Em meio a esses registros de realizações, como a Casa conseguiu oferecê-las? De que depende a instituição para fazer acontecer cada projeto? Como é uma instituição sem fins lucrativos, enquanto centro cultural que atende demanda regional, a Casa Anísio Teixeira depende de financiamento das suas ações. Há oscilações nos repasses de recursos, visto que empresas parceiras não apoiam incondicionalmente as ações desenvolvidas; os editais em que projetos da Casa são aprovados têm regras e período de execução estabelecidos.

Assim, mesmo sendo uma instituição aclamada por muitos beneficiários e defendida por sua representação cultural e histórica, a Casa, como muitos outros centros culturais, enfrenta limitações financeiras e, assim, não consegue manter regularmente os serviços. A multiplicação de formadores, agentes, atores e produtores culturais na região de Caetité está começando a criar oportunidades de trabalho além do que é feito na Casa, favorecendo a permanência deles na região, o que evita a fragilização dos serviços que a Casa objetiva oferecer.

Quem acompanha as realizações do Núcleo de Artes Cênicas da Casa percebe o quanto têm sido aproveitados os cursos de formação realizados por meio do Programa Catavento financiado pela empresa Renova Energia e executado pela Casa Anísio Teixeira. O conhecimento

adquirido e desenvolvido durante os cursos de formação com artistas, diretores e técnicos profissionais não só preparou em artes cênicas como vem contribuindo para que os grupos com residência na Casa dediquem-se cada vez mais à montagem de espetáculos teatrais e de dança. Os três principais contadores de histórias da instituição também integram o Núcleo de Artes Cênicas. Como os recursos são escassos e os participantes do Núcleo são poucos (e alguns deles exercem outras funções na Casa Anísio Teixeira), nem sempre a contação de histórias mantém uma agenda intensa, pois os contadores precisam de dedicar a funções diversas. O Núcleo de Contação de Histórias necessitaria, assim, de estímulos formadores e multiplicadores para conseguir ampliar e incrementar suas ações.

Como Canclini (1983, p. 30) defende, “cultura é um processo social de produção”, não pode ser compreendida “como ato espiritual ou manifestação alheia, exterior e posterior às relações de produção”. A partir de suas reflexões, percebe-se que não é suficiente saber quem produz arte e cultura, como e por que o faz e em que condições; é preciso, também, considerar quem faz uso dessa produção, como o faz, com que finalidade e por quais motivos. Muitas práticas culturais circulam como saberes regionais, originários da vontade popular, entretanto podem estar a serviço da estrutura capitalista hegemônica, que pretende manter a distância entre quem tem poder, quem decide sobre a produção artística e cultural e se apropria do que é produzido e quem produz e se sujeita às regras estabelecidas para produção, circulação e consumo. O autor enfatiza a necessidade de se repensar conceitos, práticas e relações de poder que dizem respeito a questões culturais. Ao descrever e analisar relações culturais populares no México de aproximadamente cinquenta anos atrás, afirmando que os privilégios de produção e consumo de quem possui maior poder aquisitivo sustentam-se pela exploração de camponeses e proletariado urbano, Canclini (1983, p. 97) aponta para o que ainda hoje é necessário observar em todas as sociedades de base capitalista, tendo em vista que os modelos de desenvolvimento cultural dessas sociedades sempre se pautam pelo interesse e controle do poder econômico. Dessa forma, cultura é produto da estrutura hegemônica. Os conceitos e valores referenciam as práticas culturais em geral, ainda que estejam relacionadas a ambientes indiretamente ligados ao poder do capital.

Em centros culturais, por exemplo, tenta-se oferecer à população o que se aproxima da cultura popular constituída no passado e no

presente. O consumo do que é produzido baseia-se na diversidade cultural estabelecida pela integração entre indivíduos, comunidades e suas culturas. Na contemporaneidade, muitos se rendem aos conceitos e valores do capitalismo, tornando-se um senso comum a ideia de que centros culturais devem buscar a autossuficiência, produzindo certo tipo de cultura que naturalmente será absorvida pelo mercado, como se isso fosse de suma importância para todos. Acredita-se que a circulação e a apreciação da produção cultural devem favorecer o desenvolvimento do turismo, o desenvolvimento de atividades econômicas, o que seria a boa opção para os centros culturais continuarem existindo, em uma clara aceção de cultura como mercadoria. Não é à toa que faz uso da propaganda direta, que chama atenção mais para as emoções a serem despertadas e menos para os trabalhos culturais desenvolvidos.

Por outro lado, convém considerar o consumo como prática cultural da contemporaneidade. Das grandes cidades a pequenas comunidades, basta saber que é preciso possuir capital se se deseja adquirir um produto novo diferente. É certo que as regras de aquisição do bem que se pretende sujeitam-se ao mercado, mas comumente os produtos advindos de culturas subalternas valem pouco, como atesta Canclini (1983), ou agregam valores superiores a partir da interferência da classe hegemônica, que precisa disso para continuar como tal, seja selecionando, seja atribuindo juízos de valor e, assim passa a demarcar seus interesses e subjetividades nas produções culturais populares .

## **5 Considerações finais**

Na sociedade contemporânea, não se pode reconhecer o fim das narrativas, embora pareça não haver espaço para o indivíduo apropriar-se do conhecimento cotidiano ou mesmo durante uma viagem, por exemplo. Há quem valorize a sabedoria e não a efemeridade das conquistas. Ainda que a superficialidade seja o tom de vivências e relações estabelecidas com as pessoas, com os lugares e objetos na atualidade, o ato de narrar histórias persiste desenvolvendo a sensibilidade e o entendimento do que se viu, saboreou, ouviu, presenciou. Nem tudo que passou e o que foi vivido compõe um quadro do passado, ficando esquecido ou ignorado; para muitos, são saberes que merecem ser circulados, em um exercício simples de compartilhamento de experiência.

O gosto por contação de histórias pode e deve ser desenvolvido em qualquer tempo e espaço. Como já comentado, há um declínio da narrativa na sociedade moderna, no entanto, como Benjamin afirmara, a vida não é linear, assim, ainda que a vida contemporânea não ofereça condições favoráveis ao ato de narrar, a memória coletiva de alguns grupos e as escolhas de sujeitos interessados não permitem a morte definitiva da contação de histórias. A modernidade trouxe rupturas constantes, o que exige do sujeito o exercício da superação de usos e costumes, mas existe também o gosto pela tradição ou, melhor ainda, a valorização das culturas, por isso o ato de narrar resiste entre grupos sociais e é fomentado por centros culturais e estruturas governamentais. Pode-se observar um ato de narrar ressignificado, reinventado, visto que a vida mudou muito, tornando-o adaptado, inclusive, à diversidade dos afazeres laborais modernos. Entre estes, há espaço para que indivíduos convertam habilidades e experiências pessoais em projetos de contação de histórias, transformando-se em profissionais autônomos do ato de narrar.

Ao escolher fomentar a leitura e valorizar a sabedoria, a Casa Anísio Teixeira, sem ignorar o pensamento de Anísio, acolhe, registra e desenvolve saberes, fazeres que enaltecem a cultura local e a regional, tornando-se referência na realização de ações culturais. Isso se dá, em parte, pela compreensão de que experiência pode e deve ser compartilhada e por isso mesmo está sujeita a mudanças, não deixando, no entanto, de acolher e cultivar inovações e tradições. E essas concepções é que justificam sua experiência, logo, sua existência.

A manutenção do Núcleo de Artes Cênicas e do Núcleo de Contação de Histórias pelo centro cultural vem promovendo os saberes populares ao tempo em que realiza processos formativos no que se refere a público beneficiário e à produção cultural. As ações contribuem para fomentar a leitura individual ao tempo em que desenvolvem trabalhos de contação e dramatização de histórias. Para tanto, faz-se uso da linguagem oral, escrita, corporal e artística, o que caracteriza a diversidade do trabalho realizado na linguagem. Tudo se constitui, assim, como estratégias voltadas para o desenvolvimento da contação de histórias em diferentes espaços da atualidade, contribuindo para ampliar o alcance das práticas culturais de leitura, a partir de concepções que valorizem a produção, a circulação e a recepção de saberes.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I, Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Plano de Ação 2017 – 2020*: Edital nº 02/2017 - Apoio a Ações Continuadas a Instituições Culturais Nov/17 – Out/2020. Salvador, nov. 2017, 17p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2001*. Salvador, 2001, 32p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2002*. Salvador, 2002, 39p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2003*. Salvador, 2003, 39p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2004*. Salvador, 2004, 45p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2005*. Salvador, 2005, 55p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2011*. Salvador, 2011, 6p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2012*. Salvador, 2011, 7p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2013*. Salvador, 2013, 8p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2014*. Salvador, 2014, 7p.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. *Relatório de Atividades 2015*. Salvador, 2015, 7p.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da leitura*. Tradução de Mauro Gama. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001.

MURICY, Kátia. A magia da linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

Recebido em: 26 de setembro de 2018

Aprovado em: 22 de novembro de 2018